

CORPO E TÉCNICA: A PRODUÇÃO DA FEMINILIDADE NA GINÁSTICA RÍTMICA (GR)

Patrícia Luiza Bremer Boaventura¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender os atributos da feminilidade que interferem na performance da Ginástica Rítmica, bem como a educação do corpo como constituinte da técnica corporal. Neste sentido, foi realizada uma pesquisa de campo a partir de observações de uma competição estadual de GR e treinamentos de uma equipe de Ginástica Rítmica da cidade de Timbó e, entrevistas semi-estruturas com ginastas e treinadoras. Durante a elaboração desta pesquisa, foi possível constatar que: a GR possui elementos essencialmente femininos; a materialização do corpo, da dor e do sofrimento são subsídios para o alcance da performance e da perfeição da técnica corporal e artística.

O trabalho apresenta resultados parciais do projeto Teoria Crítica, Racionalidades e Educação II, financiado pelo CNPq (Auxílio pesquisa, bolsa de produtividade em pesquisa, bolsa de apoio técnico, bolsa de iniciação científica).

1. Introdução

Ao contrário das práticas esportivas em geral, o universo da Ginástica Rítmica² (GR) caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente feminino. Na história do esporte,

¹ Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq), Florianópolis, SC. – Coordenador e Orientador: Alexandre Fernandez Vaz. E-mail: cissaboaventura@gmail.com.

² A Ginástica Rítmica (GR), modalidade esportiva em que a condição feminina está em primeiro plano, alia a arte do movimento expressivo do corpo, com a utilização ou não de aparelhos (corda, bola, arco, maçãs e fitas) e a interpretação de uma música, no que se supõe formar uma síntese harmoniosa de elementos corporais e ritmo. (MOLINARI, 2004).

identificamos que essa modalidade é expressão de um imaginário de leveza, suavidade, magreza, beleza e delicadeza, tudo que se enquadra nas expectativas que hegemonicamente se colocam sobre o feminino.

Parece que o perfil da ginasta, apresentado por essa subjetivação, retrata idéias sobre o corpo, suas formas e sua capacidade, sugerindo uma conformação magra e longelínia, com força e musculaturas femininas, sem abrir mão de todo um sistema de autovigilância e controle do peso que a manutenção desta forma de feminilidade exige e que é requisito para uma boa técnica nos movimentos. É preciso, então, possuir um corpo a fim de com ele demonstrar certa feminilidade e reconhecê-lo como coisa, para torná-lo mais produtivo.

Na sociedade contemporânea se produz, em grande medida, um corpo que busca atingir o máximo rendimento, tornando-o útil. Isso não é diferente no esporte, que parece ser um forte vetor a potencializar o domínio do corpo. Segundo Vaz (1999, p. 92), “sua importância (do processo) não pode ser menosprezada, se considerarmos o quanto as identidades se constroem em torno do corpo, e o quanto a sociedade moderna está impregnada pelo princípio do rendimento, o quanto ela é esportivizada.”

Um dos elementos mais importantes do fenômeno esporte, sobretudo o de competição e mais ainda o de alto rendimento, mas não só dele, é o treinamento corporal. Na GR, a exigência do treinamento é nítida e verifica-se no aperfeiçoamento da técnica que busca a potencialidade do corpo. Desta forma, as ginastas submetem-se a grandes esforços físicos, sacrifícios, abdições, obrigações, muita dedicação e empenho materializados por certas rotinas e crenças, nos ambientes de treinamento e também de competição.

As abdições e obrigações são evidenciadas pelo tempo dedicado, tanto em um mesmo dia de treinamento, como ao longo de uma carreira que invariavelmente começa na infância. Há exigências severas quanto ao elevado grau de exatidão na realização de elementos complexos, o que obriga a ginasta a treinamentos intensos e diários. No que diz respeito ao estilo de vida, continuam se preocupando constantemente com a beleza, os acessórios e produtos de embelezamento, com a organização, a disciplina e o exacerbado cuidado com o corpo, dentro e/ou fora do esporte.

Outros elementos importantes a compor o quadro, e que acabam de certa forma se “naturalizando” com os esforços, são a dor e o sofrimento. Faz parte do treinamento da ginasta passar horas dentro de um ginásio realizando exercícios que trabalham as qualidades físicas como, força, resistência,

velocidade e, principalmente, flexibilidade. A atleta busca por meio da repetição, da dor e do sacrifício/sofrimento, a perfeição técnica e estética que a modalidade exige, tendo na competição apenas uma chance de um minuto e meio – tempo de realização de uma série – para mostrar suas habilidades.

Uma pergunta que se colocar é pelas relações das técnicas corporais da Ginástica Rítmica na produção da feminilidade que fazem interface com a performance neste esporte, demarcando as representações sobre a dimensão somática e a afirmação do ser feminino e talvez encontrando traços de uma *pedagogia para o corpo* na sociedade contemporânea.

Nas próximas páginas apresentamos a construção do ser feminino na Ginástica Rítmica arraigado por características sexistas e elementos essencialmente femininos, desde a conduta das atletas e treinadoras até o uso de acessórios, vestimentas e os cuidados com o corpo. Na seqüência, analisamos a educação do corpo como componente para alcançar a melhor performance. Finalizamos com algumas considerações sobre a pedagogia corporal e as questões de gênero relacionadas com esta modalidade.

2. Metodologia

O texto foi construído a partir de uma etnografia realizada junto à equipe de GR da cidade de Timbó, município do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, incluindo treinamentos e uma competição, os XXI Joguinhos Abertos de Santa Catarina, em Joinville. Além das observações sistemáticas e participantes das competições e dos momentos de preparação e intervalo no alojamento em Joinville, foram feitas também entrevistas com atletas e treinadoras. É de se destacar que a pesquisadora envolvida com este trabalho tem biografia ligada à GR, como atleta e treinadora iniciante, além de ter frequentado cursos técnicos e de arbitragem da modalidade.

3. Notas sobre a construção de gênero e a educação do corpo na GR

Quando observamos o comportamento das mulheres no ambiente estudado, encontramos perfis considerados femininos que permitem uma demarcação identitária específica e confirmam as construções culturais das diferenças entre os gêneros.

Assim, percebeu-se que há atributos que conformam um perfil comportamental para as mulheres. Ao mesmo tempo em que se apropriam desses valores, as ginastas também precisam se adequar a gestos e maneiras que as caracterizam como femininas, como destaca Eduarda ao referir-se ao futebol como *masculino* por ser agressivo e a GR como *feminino* por ser mais “leve”.

“Não que futsal seja masculino, mas é que, pelo menos aqui no Brasil, tem bem mais homem jogando futsal, futebol do que mulheres. E futebol é mais agressivo..... É mais..... Sei lá. É mais agressivo. E a ginástica já é mais.... Mais leve. Daí parece mais feminino.” (*Eduarda, ginasta, depoimento*).

Na GR, as ginastas dizem buscar mostrar os seus sentimentos constantemente por meio da expressão dos movimentos, marca construída como historicamente feminina.

“Isso entra junto na execução né? A expressão do rosto, a leveza e os sentimentos da ginástica conforme a música. Tipo... Tem que fazer junto com a música. Não adianta ter uma música lenta e fazer a série que nem um jato. Tem que sentir a música. Tem que mostrar o que a música pede. Tipo, se a música for bem lenta, uma música meio triste, tem que fazer uma cara mais..... De sentimento... Também não pode chorar no meio da quadra né?” (*Eduarda, ginasta, depoimento*).

“Por último em arco, Gabriela se apresentou. Os comentários foram: ‘Isso’, ‘Perna atrás’, ‘Charmosa’, ‘Sensual’, ‘cabeça’, ‘presta atenção’, ‘pra cima’, ‘energia’, ‘respira’, ‘panca’.” (*Diário de Campo - 05/09/2008*).

Desta maneira, podemos perceber a influência que essas formas exercem sobre a construção da imagem da ginasta mulher e a caracterização de uma ginasta como “mais feminina” por ser mais expressiva.

Historicamente, na tentativa de suavizar os movimentos bruscos e suntuosos praticados pelos homens na Ginástica, aos poucos se foi introduzindo música e novos aparelhos para exaltar a feminilidade. Comparando a Ginástica Artística (GO e GA) e a Ginástica Rítmica, encontramos em alguns depoimentos, certas afirmações femininas (leveza, magreza) e masculinas (firmeza, força física) entre as características dessas modalidades.

A rítmica é mais glamour, mais leve. A olímpica, ela é um pouco mais turva, mais forte. As meninas são mais... Não tem nada de leveza. Elas precisam ser tanto mais firmes quanto... Não firmes... Quanto mais bruta elas forem parece que é melhor assim. Uma é um perfil longelíneo e a outra é um perfil meio que... É... A menina é baixinha, musculosona assim. E na ginástica não. Eu acho que a Ginástica olímpica, por as meninas serem bem assim musculosas, a gente aí... ‘Ui, parece um menino fazendo né’, e aqui não. Pelo fato de precisar ter leveza, tu fazer balé e ter os movimentos mais clássicos... E o corpo mais longelíneo e magro. Eu acho que essa é a diferença que já se vê de longe assim. (*Carol, Treinadora e fisioterapeuta, depoimento*).

Curiosamente, as relações entre Ginástica Rítmica e a Ginástica Artística são diversas e criticadas pelas atletas e treinadoras. A Ginástica Rítmica é vista como delicada e sensível, mesmo com a necessidade de exigir determinada força. Contudo, essa força não exclui o perfil feminino, que ao analisar a GA, percebe-se, ao contrário da GR, que as atletas cultivariam qualidades “masculinas”, como força, virilidade, excesso de músculos e pouca preocupação estética.

Na olímpica elas se maquiam também, mas não é igual. O coque é baixo, não é alto. Tem umas que colocam só um batonzinho e um brilhosinho. As nossas não. É aquela maquiagem forte que tu vê de longe já. O collant não é muito bordado. O collant é uma cor no máximo com uns brilhosinhos assim. E tem muita, que nem agora, nas olimpíadas, no Brasil não era nem bordado. Eram três cores. Era legal, mas deu assim sabe? Pra eles não tem glamour. Isso não vale muito na olímpica. (...) Eu acho que mostra... Uma menina com collant bonitinho, bordado, mostra que a menina se preocupa com ela mesma e com a estética dela assim. O que os outros... ‘Ai, não. Eu quero que os outros me vejam bonita. Eu quero que os outros comentem do meu collant’. Sabe? Isso é a preocupação na rítmica e na olímpica não existe. Ela põe qualquer coisa. Ela não está nem aí se falam que o collant é bonito ou não. (*Carol, Treinadora e fisioterapeuta, depoimento*).

Quando pensamos que a feminilidade se constrói pelos adornos do corpo, surge uma necessidade da mulher utilizar diversos adereços. É preciso, então, ter um corpo produzido a fim de com ele demonstrar certa feminilidade. A ginasta propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas (collant, coque e maquiagem) culturalmente identificadas como femininas.

Adelman (2003), em estudo com mulheres atletas de voleibol e de equitação, considera que o esporte é hoje um dos mais importantes espaços de conflitos relativos à definição da corporalidade

feminina. Se por um lado o esporte possibilita à mulher a idéia da igualdade de gênero, a possibilidade em realizar a mesma prática esportiva que o homem, de transgressão da idéia de corpo frágil, por outro, talvez a enquadre em um outro tipo de controle: aquele que outorga ao corpo das atletas um novo modelo de feminilidade. O corpo que deve ser saudável, atlético, ativo, firme, mas não com músculos demais.

A ginasta busca e corresponde a certa feminilidade, tanto em seu perfil quanto em suas atitudes. Desta maneira, esta modalidade ajusta certa normalização da mulher em virtude de promover “padrões femininos”. Portanto, a construção de feminilidade gera uma “possibilidade de vigilância sobre o corpo e o comportamento da mulher”. (GOELNNER, 2004, p. 36). Os discursos dos sujeitos da pesquisa direcionam-se à valorização de uma suposta feminilidade por meio de comportamentos e de vigilância corporal.

“Geralmente as ginastas são baixas. Ah, geralmente também elas têm, são fortes assim. Pra músculos assim essas coisas. Elas não são bombadonas assim (Afastou os braços), mas elas têm força. Mas também, como é que a gente ia conseguir fazer salto se a gente não tivesse força. Todo mundo chama a gente de palito porque a gente é magra. Mas tem que ser magra pra fazer ginástica se não a gente não ia conseguir saltar, fazer essas coisas né?” (*Gabriela, ginasta, depoimento*).

Ficou evidenciado que a mulher é vista e valorizada pela aparência, pela forma do corpo, pois as falas das meninas demonstraram sua constante preocupação com a aparência corporal, dando grande importância ao estar magra. Das ginastas se espera que sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. Neste caso, ser magra também contribui para esta concepção de “ser mulher”.

Os estereótipos masculinos e femininos são reproduzidos em algumas falas das meninas, nas quais aparece que ter um corpo bonito e magro é bastante importante para se sentirem femininas. Também não gostam de ter músculos muito desenvolvidos, o que causaria desconforto, “reforçando a idéia de que a mulher deve ser frágil, pequena e magrinha e que o homem deve ser forte, grande, alto”. (PAIM; STREY, 2005, p. 08)

É incontestável que a transformação dos corpos das ginastas depende de muita dedicação em relação aos treinos, mas seria ingenuidade pensar que o perfil atlético se dá somente devido a esse

fator. Para compor o treinamento, além da exigência técnica, elas devem controlar o peso corporal. Relatamos esses aspectos em algumas observações do campo de pesquisa:

“A atleta mais velha do grupo, a Eduarda, comentou que iria a uma festa no dia seguinte. A treinadora disse: ‘Na segunda tem balança! Vão aparecer todos os quilinhos a mais de cerveja!!’ Fazendo piadas sobre o assunto, Eduarda comentou que não tomava cerveja e que iria se controlar na alimentação”. (*Diário de Campo* – 05/09/2008).

Verificam-se esses vestígios também nos depoimentos:

“Fazer uma dietazinha, se cuidar, isso elas cuidam. Sobre seu corpo, eu acho que tem que cuidar assim. Tem que ser bem magrinha. Converso muito com elas assim, eu não deixo ninguém deixar de comer. Eu peso. Esse ano eu pesei acho que duas vezes elas só. Mas assim, eu não sou neurótica por ginasta magra. Eu prefiro ver ginasta magra, mas eu não sou neurótica de nenhuma forma assim. Eu as deixo bem à vontade, mas quando elas começam a errar no treino eu falo ‘Ah Eduarda não saltou porque a bunda ta grande’. ‘Ó, não segurou o pivô (giro) por quê? Ta com a coxa grossa. Não ta agüentando.’ Então assim, eu vou dando aos pouquinhos exemplos no treino que elas têm que ser magrinhas entende? Porque se eu falar, entra e sai né? Então eu espero o tempo certo de falar ‘Ah, não ta saltando hoje por quê? Que tu comeu? Tomou coca? Tomei... Então ó, ta aí’. Sabe? Eu dou exemplos do dia a dia pra elas.” (*Luiza, treinadora e coordenadora, depoimento*).

Esse corpo contemporâneo deve ser esguio, com predominância de curvas, músculos tonificados, mas sem exageros, pois mesmo mais “gordinho” ou “magrinho”, ele não pode prescindir da dita feminilidade.

Para Vaz (1999), a teoria do treinamento desportivo partilha uma estrutura mais ou menos comum com outras técnicas e outros discursos sobre o controle do corpo. Assim, como “os discursos relacionados à dieta, por exemplo, que também podem lançar mão de metáforas maquinais, é fundamental para o treinamento desportivo que haja uma separação muito clara entre sujeito e objeto”. (ibid., p. 102) É preciso (re)conhecer o corpo como objeto, ou não se pode treiná-lo, ou seja, é preciso esquecê-lo de certa forma para alcançar as exigências da modalidade esportiva.

Além da incessante batalha contra o peso, pela perfeição técnica e corporal, o treinamento requer outros sacrifícios, como, por exemplo, suportar a dor e o cansaço oriundos da prática esportiva.

No campo investigado, está em jogo uma educação em que o trabalho pedagógico que ali acontece tem por função modelar o corpo conforme as exigências da prática em questão. Sendo assim, as ginastas criam estratégias para sublimar a dor e suportar o sofrimento.

“As ginastas não fizeram o exercício corretamente e a treinadora parou tudo. Mandou-as começarem tudo de novo e gritou ‘Ou vocês fazem direito ou vão fazer quantas vezes forem preciso. Quero joelho esticado’! As ginastas não falaram nada e fizeram o exercício novamente. Uma atleta encheu seus olhos de lágrima e olhou desesperadamente para mim. Ficou ali, na mesma posição, até o final e a treinadora tocava no seu joelho quando não estava estendido o suficiente. Depois que terminaram, em silêncio, fizeram uma ‘cara de sofrimento’.” (*Diário de Campo – 16/09/2008*).

Verificamos que a grande questão da tolerância à dor e ao sofrimento relaciona-se com a possibilidade de a crueldade – e com ela a violência e o culto à obediência – ser mediada, controlada e prescrita de forma racional, científica. “A afinidade com a tortura, uma das práticas mais hediondas já produzidas pela humanidade, e ainda bastante presente nos dias atuais, parece não ser apenas eletiva.” (VAZ, 1999, p. 104). Assim, a técnica poderia ser considerada como uma maneira de potencializar o corpo por meio da organização da dor e do sofrimento.

Nesse contexto, “a derrota não desonra se o derrotado for capaz de suportar a dor até o final” (RIAL, 1998, p. 248). A dor incorporada ao cotidiano, fonte de algum prazer, dignifica quem a tolera e a vivencia, pois os treinamentos, como indicam Vaz, Gonçalves e Turelli (2006, p. 16), “passam a ser concebidos como eficazes, quando rendem “uma dorzinha”, ou terminam em uma lesão leve que permite a continuação da atividade, mas é sentida.” Quanto mais “puxado” e exigente os treinamentos, melhores serão os resultados. Estes fatores, normalizados na vida das atletas, confirmam certa pedagogia da dor e sofrimento, construindo, de algum modo, um estilo de vida.

4. Considerações Finais

As informações encontradas nas observações e nas falas dos sujeitos investigados sugerem algumas formas em que a prática esportiva se constrói como um campo de definição e redefinições,

por meio de contextos e fatores sociais e culturais, dos traços pertinentes à feminilidade e masculinidade e, sobretudo à educação do corpo.

Ao considerar a Ginástica Rítmica um espaço tradicionalmente feminino, encontramos uma identidade construída pela expressividade, leveza, delicadeza e magreza. A manifestação da conduta, a utilização de maquiagem, de roupas e acessórios femininos, os gestos, os aparelhos específicos da modalidade, e a técnica corporal, revelam um campo correlativo à beleza feminina.

Contudo, as atletas constantemente comparam seus padrões de beleza com outros esportes mais masculinos, como por exemplo, o futebol e a ginástica artística para que, de alguma maneira, reconheçam e fortaleçam a sua própria feminilidade. Parece que a situação das ginastas as adapta bem à noção do corpo dócil, disciplinado, saudável, embora não seja um corpo feminino frágil.

No esporte, essencialmente na GR, a preocupação excessiva com o físico e a valorização da técnica, reduzem o corpo a uma materialidade sem qualidades. Os corpos se adaptam ao trabalho que realizam, por sua vez, há a necessidade de treiná-lo para melhorar o seu desempenho. Com isso, a busca pela performance e a beleza corporal faz com que as atletas sacrifiquem e violentem seus próprios corpos, visto que, o objetivo é a perfeição técnica independente do sofrimento e da dor.

Como se sabe, “a dor não é aliada do treinamento corporal, mas, do ponto de vista subjetivo, o inimigo a ser superado, suportado, ignorado”, ou ainda “certificação de que de fato está indo além dos limites e que, portanto há mérito na dilaceração do próprio corpo”, já que de outra forma, “como se pode abstrair do treinamento, não há melhoria na performance esportiva”. (HANSEN; VAZ, p. 141, 2004). Neste sentido, a dor é tomada como imprescindível para a apresentação da técnica e a importância da sua superação para que haja um melhor rendimento.

Existe uma relação entre a feminilidade e a GR e, sobretudo sobre a percepção do corpo. Parece que para caracterizar tal modalidade é essencial evidenciar as características ditas como femininas.

Referências

- ADELMAN, M. Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 11, v. 2, p. 445 – 465, julho-dezembro 2003.
- ALTMANN, H. e SOUZA, E. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. *Caderno CEDES: Corpo e Educação* nº 48, p. 52-68, 1999.

- GOELLNER, S. *Mulher e esporte em perspectiva*. Disponível em http://www.cbtm.org.br/scripts/arquivos/esporte_mulher.pdf. 2004.
- GONÇALVES, M. C. *Corpo e Cultura Erudita: paradoxos do balé na sociedade administrada*. Florianópolis - *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)* - Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Desportos, 2004.
- MOLINARI, A. M. da P. *Ginástica Rítmica: Esporte, História e Desenvolvimento*. 2004. Disponível em *site*: www.cdof.com.br/esportes4.htm. Acesso em 20 de agosto de 2008.
- PAIM, M.; STREY, M. Percepção de corpo da mulher que joga futebol. *Lecturas educación física y deportes*, Buenos Aires, ano 10, n. 85, junho, 2005.
- RIAL, C. S. M. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, M. J.; GROSSI, M. P. *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 229-258.
- VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos CEDES*. Campinas, ano XIX, n. 48, ago. 1999. p. 89-106.
- VAZ, A. F. . Dominar a natureza, educar o corpo: notas a partir do tema da mimesis em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, Argentina, v. 5, n. 27, 2000.
- VAZ, A. F. ; GONÇALVES, M. C. ; TURELLI, F. C. . Corpos e subjetivações: notas de pesquisa sobre o fluxo de identidades no esporte, na luta, no balé. In: 30ª Reunião Anual da ANPOCS, *Anais 2006*, Caxambu. 30ª Reunião Anual da ANPOCS, 2006.